

# COMUNIDADES EVANGÉLICAS EM JULGAMENTO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DO BRASIL: REFLEXÕES EPISTÊMICAS<sup>1</sup>

## EVANGELICAL COMMUNITIES ON TRIAL IN BRAZILIAN INFORMATION SCIENCE: EPISTEMIC REFLECTIONS

Márcia Feijão de Figueiredo<sup>2</sup>  
Gustavo Silva Saldanha<sup>3</sup>

**Resumo:** A pesquisa tem por objetivo discutir como as comunidades evangélicas no Brasil realizam julgamentos de informações consumidas ou recebidas numa perspectiva da ética utilizando numa práxis cotidiana a validade da informação e a autoridade cognitiva. O foco está na delimitação do olhar de reconhecimento para um dado grupo social a partir dos membros de suas comunidades, da pluralidade de suas visões de mundo, de suas ações de informação ou de desinformação, e promover um diálogo que reflita a ética e as condições sociais de produção da informação do local para o global na experiência religiosa. Trata-se de uma pesquisa teórica e exploratória, do ponto de vista da interpretação conceitual, a partir de fontes bibliográficas, interessada em identificar parâmetros discursivos no campo científico informacional em, de e/ou para as culturas evangélicas. Como resultados, o estudo aponta para ausência de fundamentação especializada informacional da pluralidade evangélica, bem como indica caminhos da dialética das expressões culturais evangélicas sob a ética intercultural da informação no Brasil.

**Palavras-Chave:** Julgamento Avaliativo; Autoridade Epistêmica; Religião; Comunidade Evangélica; Ética Intercultural da Informação.

**Abstract:** *The research aims to discuss how evangelical communities in Brazil make judgments on information consumed or received from an ethical perspective using the validity of information and cognitive authority in everyday practice. The focus is on delimiting the perspective of recognition for a given social group for this segment based on the members of their communities, the plurality of their world views, their actions of information or*

---

<sup>1</sup>Texto submetido, avaliado, aprovado, apresentado e premiado no XXIV ENANCIB, Vitória, Espírito Santo, Brasil.

<sup>2</sup> Doutora em Ciência da Informação. Professora Adjunta na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) [marcia.figueiredo@unirio.br](mailto:marcia.figueiredo@unirio.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2341-6637>

<sup>3</sup> Doutor em Ciência da Informação. Pesquisador Titular do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT MCTI Brasil). [gustavosaldanha@ibict.br](mailto:gustavosaldanha@ibict.br). Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-7679-8552>

*disinformation, and promoting a dialogue that reflects the ethics and social conditions of information production from the local to the global in religious experience. This is a theoretical and exploratory research, from the point of view of conceptual interpretation, based on bibliographic sources, interested in identifying discursive parameters in the informational scientific field in, from and/or for evangelical cultures. As results, the study points to the absence of specialized informational foundations for evangelical plurality, as well as indicating paths for the dialectic of evangelical cultural expressions under the intercultural ethics of information from Brazil.*

**Keywords:** *Avaliative Judgment; Epistemic authority; Religion; Evangelical community; Intercultural information ethics.*

## 1 INTRODUÇÃO

E conhecereis a verdade, e ela vos libertará (BÍBLIA, João 8. v. 32).

A longa tradição de reflexão crítica em Ciência da Informação, em fontes como aquelas vinculadas à teoria social dos anos 1920 de Nicolas Roubakine (1998) à escola dialética de Robert Estivals (1970, 1978) desde os anos 1960 na França, chegando às reflexões dos últimos 30 (anos) oriundas de vertentes micro e macrossociológicas sobre os fenômenos informacionais, abre-nos diferentes horizontes para uma dialética das estruturas sociais. Diante das mudanças significativas nas relações sociotécnicas nos últimos 20 (vinte) anos, centralmente aquelas ligadas ao capitalismo de plataformas digitais, ações de informação, incluindo os atos de desinformação vêm se modificando rapidamente. Faz-se necessário, no plano da interpretação de tais transformações, incluindo a circulação de sentidos de “verdade” conforme fontes, velocidade e formas de apropriação de conteúdo, compreender as comunidades que enviam e recebem informações, bem como seus agentes e atores. Numa perspectiva cristã, ao conhecer a verdade sob a luz da fé há libertação (Bíblia, 2005).

Sob o ponto de vista da informação compreendida – o conceito que emana do termo - nas escolas de teorias da informação que apontam estes conceitos como “sentido”, os elementos ontológicos são imbuídos de verdade, ao

contrário, eles deixam de informar para desinformar e causar desordem. Neste cenário econômico-político, povoado por uma diversidade de contextos, afetos e desigualdades, a religião, como macroestrutura, mantém-se como um exercício do viver e do conviver, também ela, atingida, permeada e transformada pelo contexto digital.

Na atualidade, os registros demográficos brasileiros demonstram rápido crescimento das expressões culturais de religiões predicadas como “evangélicas”, com impacto potencial decisório nas eleições locais, regionais e nacionais. Neste sentido, quais conhecimentos, no âmbito da pesquisa em Ciência da Informação, campo científico do lugar de reflexão metateórica desta pesquisa, sob a perspectiva de ações de informação e formação de autoridades epistêmicas, têm sido gerados a partir de e com tais lideranças e as redes de coletividades evangélicas?

A partir deste quadro empírico da realidade brasileira, a pesquisa tem por objetivo discutir as comunidades evangélicas brasileiras a partir de uma perspectiva ética intercultural no plano informacional, via os conceitos oriundos dos critérios de julgamento e de validade, assim como a autoridade cognitiva, desde o reconhecimento de tais comunidades como produtoras de sentido, antes de consumidoras ou reprodutoras de de informação ou de desinformação. De forma objetiva, a intenção é descrever a comunidade evangélica brasileira no *locus* dos estudos informacionais, suas nuances e singularidades que reforçam a fragmentação discursiva, informacional e de desordem do grupo e, por fim, apontamentos teóricos da Ciência da Informação como a autoridade cognitiva e os atuais desdobramentos (Froehlich, 2017, 2019; González de Gómez, 2007, 2022; Wilson, 1983) e a ética intercultural (Capurro, 2007).

Ao desenvolver estudos epistêmicos da informação a partir das comunidades que comportam os evangélicos – ou seja, a pluralidade que o

significante “evangélicos” remonta no território intercultural brasileiro ontem e hoje - aponta-se caminhos para compreender vários fenômenos ocorridos na última década no Brasil. Entretanto, o discurso acadêmico ou jornalístico adotado nos últimos anos poucas vezes buscou esse viés, o que dificultou o entendimento sobre o *modus operandi* desse grupo nas práticas informacionais.

Os estudos sobre a pluralidade das expressões culturais evangélicas na Ciência da Informação são raros e recentes. Em tais estudos, políticos e líderes representam um grupo cuja escolha de fé possui mais de quarenta milhões de brasileiros. Tal dado é compreendido pelas inferências sobre informação e religião no território discursivo dos estudos informacionais? E as informações/desinformações circulantes nesse meio espelham modelos unívocos diante da heterogeneidade desses agentes e atores sociais? A Ciência da Informação possui estudos que refletem a desinformação em ambientes religiosos de vertente evangélica a partir de análise crítica do local ao global através das práticas informacionais de cada comunidade?

Ao apontar essas questões, temos como delimitação olhar para esse segmento a partir dos membros dessas comunidades, de suas ações de informação ou de desinformação, e promover um diálogo que reflita a ética e as condições de avaliação da informação, ou, retomar os horizontes e os princípios de uma ética intercultural da informação, como demonstrando em Rafael Capurro (2007), para compreensão rigorosa, científica e socialmente válida, dos critérios de julgamento e de formação de autoridades epistêmicas distribuídas diante dos fenômenos religiosos no país.

## 2 COMUNIDADES DE VERDADE: AS PLURALIDADES EVANGÉLICAS, JULGAMENTO E DESORDEM INFORMACIONAL NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Para estimar um recorte de perfil do público escolhido optou-se por realizar uma busca em documentos oficiais e fontes especializadas de informação em Ciência da Informação e ciências sociais aplicadas e correlatas, interessadas igualmente nos efeitos sociais da produção, da circulação e do consumo da informação como pretense elemento de sentido, logo, verdade. Trata-se de uma pesquisa teórica, do ponto de vista da interpretação conceitual, a partir de fontes bibliográfica, em uma condição exploratória, interessada em identificar evidências iniciais de um discurso científico informacional em, de e/ou para as culturas evangélicas.

### 2.1 COMUNIDADES EVANGÉLICAS BRASILEIRAS, PERFIL E EXPANSÃO DAS IGREJAS

Nunca se viu uma diversidade religiosa tão grande como a que se nota atualmente no Brasil. Para complicar mais ainda, a dinâmica interna desse campo, que demonstra intensa itinerância entre grupos religiosos, assim como as variações numéricas indicadas no último censo (2000) apontam para a necessidade de se buscar conceitos mais atuais e capazes de estabelecer distâncias e aproximações entre os diversos grupos que disputam o espaço religioso (Mendonça, 2005, p. 49).

Para estabelecer o que é uma comunidade evangélica é preciso observar que existem algumas características singulares no Brasil que dificultam a delimitação desse público em documentos oficiais, pesquisas e reportagens. E, logo, compreender que o plural – as comunidades dentro das expressões das marcas dos pensamentos evangélicos devem ser observadas *a priori* na descrição, análise e discussão de tais coletividades. A primeira dificuldade latente é definir o que se quer dizer quando o termo “evangélico” é enunciado.

No livro *Povo de Deus*, o antropólogo Juliano Spyer (2020, p. 55-65) aponta uma separação entre igrejas históricas, pentecostais e neopentecostais. As igrejas históricas surgem da Reforma Protestante e foram as primeiras a se estabelecer no Brasil. As igrejas pentecostais chegam no Brasil no início do século XX e as igrejas neopentecostais<sup>4</sup>, surgem nos Estados Unidos e depois vem para o Brasil.

Nesse artigo o recorte do termo “evangélicos” se atém a membros de igrejas e comunidades cristãs e que possuem como ponto de partida histórico a Reforma Protestante ocorrida no Século XV na Europa por Martinho Lutero. Essa tipologia adotada para o trabalho também é utilizada em instrumentos oficiais para políticas públicas, como o Censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

**Evangélica de missão:** luterana, presbiteriana, metodista, batista, congregacional, adventistas e outras evangélicas de missão. **Evangélica pentecostal:** Assembleia de Deus, Congregação Cristã, O Brasil para Cristo, Evangelho Quadrangular, Universal do Reino de Deus, Casa da Benção, Deus é Amor, Maranata, Nova Vida, Comunidade Evangélica, evangélica renovada não determinada e outras evangélicas de origem pentecostal; e **Evangélica não determinada:** outros grupos evangélicos (IBGE, 2010, p. 203, grifo nosso).

Esses dados levantados pela pesquisa acima demonstram que o Censo de 2010 do IBGE possui informações que não espelham mais a realidade brasileira, e por isso as pesquisas de opinião também são utilizadas para trazer percentuais mais próximos a realidade (Araújo, 2023; Pestana, 2021). “Nos anos 1970, evangélicos representavam apenas 5% dos brasileiros, hoje são um terço da população adulta do país, e na próxima década, segundo estatísticas, o número de protestantes superará o de católicos” (Spyer, 2020, p. 21).

O perfil socioeconômico das pessoas e das comunidades evangélicas foi retratado na Pesquisa Datafolha de 2020. De acordo com a pesquisa, 31% dos

---

<sup>4</sup> A nomenclatura Neopentecostal é um “termo analítico que geralmente não é usado entre os evangélicos” (Spyer, 2020, p. 62). O uso desse termo no Brasil é atribuído ao sociólogo Ricardo Mariano, autor do livro “Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil” de 2012.

brasileiros são evangélicos e a maior concentração está no norte do país, com 39% (Balloussier, 2020). “Quase um terço dos pentecostais, que é o grupo mais numeroso entre os evangélicos, vive em situação de pobreza aguda, com renda familiar *per capita* igual ou inferior a meio salário mínimo.” (Spyer, 2020, p. 23).

As mulheres correspondem a 58% *per capita* dos grupos evangélicos, e 59% de integrantes de comunidades evangélicas são pessoas que se declaram pardas ou negras. De acordo com a mesma pesquisa, o número de mulheres é maior no segmento neopentecostal, com cerca de 69% dos membros (NP, 2020). As pessoas evangélicas possuem larga amplitude de práticas religiosas e lideranças fragmentadas, bem diferente da religião católica, outrora predominante no Brasil e que possui um único líder, o Papa.

Porém, como as igrejas evangélicas não possuem uma forma única de organização, cada denominação possui um *modus operandi* para atribuir cargos aos seus membros, que pode ser uma ação isolada de um líder local ou uma reunião de membros para, segundo as normas da denominação, aprovar ou eleger um membro da igreja para um dos cargos, que pode ser de obreiro, diácono, presbítero, pastores, bispos e, alguns casos, reverendos e apóstolos. (Figueiredo; Zattar, 2023, p. 9).

De acordo com as informações acima, há um aumento de igrejas e comunidades evangélicas, sobretudo de perfil pentecostal e neopentecostal, e a coletividade desses lugares tem mulheres em sua maioria, de cor parda ou negra. E, não obstante, há um avanço na adoção dessa fé pelo povo brasileiro e a quantidade pode ultrapassar as pessoas que se dizem católicas, tornando-se em breve um país de maioria evangélica.

## 2.2 O JULGAMENTO AVALIATIVO DE INFORMAÇÕES: A AUTORIDADE COGNITIVA E SEUS DESDOBRAMENTOS CONCEITUAIS

O que diz a verdade manifesta a justiça, mas a testemunha falsa, a fraude

(Provérbios, 12, v. 17)

Para o julgamento avaliativo é necessário adotar critérios ou categorias que ajudam o usuário nessa ação, para que possa validar a busca ou a recepção da informação. Figueiredo e González de Gómez (2011) apontam três categorias para essa atividade: a qualidade da informação, a autoridade cognitiva e a credibilidade.

Qualidade da Informação (em geral referente ao objeto informacional ou à fonte de informação); Autoridade Cognitiva (a qual remete a autoria e a outros contextos de legitimação da informação); e a Credibilidade (que implica na aceitação de uma informação como válida para o usuário) (Figueiredo; Gómez, 2011, p. 88).

Ao pensar no critério de autoridade, observa-se um caminho construído por sujeitos e agentes de informação, que possuem papéis decisivos de legitimação e validação a partir de seu capital epistêmico, e que pode arbitrar sob a decisão de outro, no sentido de garantir a fidedignidade do objeto informacional.

A autoria, por sua vez, pode nos levar a uma analítica retórica que está na presença da representação descritiva à comunicação científica, da normalização à biobibliografia, ramos vastos da Ciência da Informação. Igualmente, a autoria nos leva a uma economia política da comunicação científica, vinculada à questão da autoridade, como já mencionado. (Figueiredo; Saldanha, 2021).

A autoridade científica é um critério desenvolvido a partir da obra do Patrick Wilson. Em 1983, no livro intitulado *Second-hand knowlegde: an inquiry into cognitive authority* e amplamente utilizado para avaliar documentos a partir do conhecimento de outra pessoa, o chamado “conhecimento de segunda mão” é debatido à luz da questão da autoridade. Existem algumas premissas para esse conceito.

a. Autoridade cognitiva requer um relacionamento que envolve pelo menos duas pessoas; a autoridade de alguém é reconhecida por aquele indivíduo, o constitui num especialista, embora outra pessoa possa não reconhecer como tal; logo, é uma atribuição social de competência;

- b. Autoridade cognitiva é uma questão de [grau e/ou] formação (*degree*), podendo-se ter muito ou pouco sobre o assunto.
- c. Autoridade cognitiva é relativa à esfera de interesse e experiência de um indivíduo, em algumas questões pode-se falar com autoridade, enquanto em outras situações pode não ter autoridade alguma;
- d. Autoridade cognitiva implica o exercício de um tipo de influência, que não está relacionada a autoridade administrativa;
- e. Autoridades cognitivas são aquelas consideradas fontes credíveis de informação (Wilson, 1983, p. 13-15 *apud* Figueiredo; González de Gómez, 2011, p. 91).

O conceito desenvolvido por Wilson ao longo desses quarenta anos foi discutido e novas nuances consideradas para a legitimação de informações a partir de agentes e atores sociais. A partir deste, chega-se à conceituação de “autoridade cognitiva distribuída: conceito apresentado por González de Gómez (2007) para as formas epistêmicas de um conhecimento pulverizado nas redes digitais, permeado, tal conhecimento, por pontos de vista, conceitos e teorias complexos e vindos de diferentes agentes e atores sociais. Esse tipo de conhecimento não vem de uma autoridade epistêmica de um campo científico, mas de outros tipos de sujeitos, com outras vivências e práticas de informação.

Em suas diferentes manifestações, o problema da validade das informações e das novas configurações dos conhecimentos, tendo como premissa implícita a conceituação de uma “autoridade epistêmica distribuída”, nos parece demandar a introdução de um **princípio de equivalência entre as diferenças**, que nos levaria da epistemologia e da política científica para a ética. (González de Gómez, 2007, p. 11, grifo da autora).

Froehlich (1994, 2019), que alguns anos antes desenvolvia estudos sobre o conceito de relevância, aponta um desdobramento do termo autoridade cognitiva considerando a relação do agente com a verdade e a suas motivações para ações de informação ou disseminação de desinformações. O autor, assim, coloca em lados opostos as autoridades epistêmicas genuínas das pseudo-autoridades epistêmicas. As autoridades cognitivas genuínas possuem as características do conceito original, onde é uma referência para quem busca no

outro a verdade e a ética nas ações de informação. O julgamento avaliativo do agente genuíno legitima e valida informações que circulam no meio onde possui reconhecimento epistêmico, atuando como árbitro em situações opinativas. Nesse sentido, prevalecem as características apontadas por Wilson há mais de quarenta anos atrás (Froehlich, 2019).

Ao contrário dessas autoridades com ações genuínas de informação, o autor apresenta as “pseudo-autoridades cognitivas”, cujas práticas informacionais encontram-se longe das condições de validade racionais de Wilson (1983). Para o autor (Wilson, 1983), as práticas de divulgação e disseminação da desinformação utilizam notícias falsas e motivações voltadas para interesses particulares, além de uso de emoções e convicções religiosas e tendenciosas. Como exemplo, o autor (Froehlich, 2019) aponta a relação das emissoras de televisão como a Microsoft NBC (MSNBC) e a Fox News, sendo a fonte de 40 por cento dos eleitores de Donald Trump. “[...] a Fox News carece de integridade jornalística na medida em que divulga teorias conspiratórias de direita que não estão baseadas em fatos. Embora possa eventualmente retratar tais histórias, tais retratações não as impede de ter efeito.” (Froehlich, 2019, p. 127, tradução nossa).

### 2.3 DESORDEM INFORMACIONAL E AS COMUNIDADES EVANGÉLICAS: AS QUESTÕES EPISTÊMICAS NA “SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO”

Vocês pertencem ao pai de vocês, o Diabo, e querem realizar o desejo dele. Ele foi homicida desde o princípio e não se apegou à verdade, pois não há verdade nele. Quando mente, fala a sua própria língua, pois é mentiroso e pai da mentira. (Bíblia, João 8, v. 44)

As questões de informação, ancoradas em ações, regras e contratos, são fruto de formas de estruturação da realidade social, algo que durante muito tempo ficou apenas nos ambientes acadêmicos, por algumas razões. A primeira

é a baixa escolaridade da sociedade e a segunda é uma ciência que se desenvolve juntamente com a indústria em meados no Século XX.

Em relação à história das ciências no Brasil, há uma outra questão a ser considerada: foi somente a partir da década de 1980 que se desenvolveram, de forma significativa, estudos sobre o processo de implantação de atividades científicas em países que não ocuparam papéis de liderança no processo de produção de conhecimentos. [...] Também, na segunda metade do século XX, as ciências e tecnologias ganharam grande destaque nas políticas estatais, o que estimulou a formação de estudiosos - filósofos, historiadores, sociólogos - destas áreas do conhecimento. Foi justamente esta nova geração que passou a se dedicar ao estudo da história da ciência em seus países (Dantes, 2022, p. 15).

Durante algum tempo a reflexão sobre a validade de uma informação e questões atreladas a sua credibilidade eram discutidas dentro de um escopo científico, afastado dos saberes práticos das pessoas, havia também mediações feitas por profissionais da informação, como jornalistas, editores científicos e bibliotecários, dentre outros. González de Gómez (2007) apontou a necessidade de alargar as questões de validade e credibilidade da informação para além da ciência e trazer para as sociedades contemporâneas, cujo filtro ocorre a partir das suas vivências.

A sociedade é atravessada por desafios concernentes ao uso de tecnologias de informação e comunicação e, se antes havia instituições que aferiam as publicações, a publicação de informações em diversos suportes, aplicativos e a falta de filtros para esses recursos obrigam o usuário a julgar as informações que busca ou que chega nas suas contas de e-mail, aplicativos de mensagens ou em redes sociais, mas em algumas situações essas informações vêm de outros atores e instituições, o que gera mais uma condição avaliativa para quem recebeu.

Se pudermos falar das condições específicas que intervêm na geração, seleção e busca da informação, **outras condições decorrem das formas do conhecer que organizam e regulam os fluxos de**

**informação.** As questões acerca da precisão e credibilidade da informação não serão assim independentes de outras questões que hoje se colocam sobre a validação e avaliação dos conhecimentos científicos (González de Gómez, 2007, p. 7, grifo nosso).

Ao encaminhar a discussão sobre a *práxis* informacional para os ambientes da sociedade da informação, perante a ausência de filtros que antes garantiam a precisão e acurácia das informações publicadas por vias editoriais, a Ciência da Informação passa a ter como objeto de estudos não apenas a informação mas os que os autores Wardle e Derakhshan (2023) chamam de desordem informacional, constituída por três tipos: informação falsa (*mis-information*); desinformação (*dis-information*) e informação maliciosa (*mal-information*).

Uma das questões contemporâneas que intervêm são os agentes que criam ou disseminam essas tipologias. Para Wardle e Derakhshan (2023, p. 21) o agente é um dos elementos que que constituem uma desordem informacional, juntamente com a mensagem e o intérprete, porém as questões apontadas também cabem para pensar em ações de informação:

**Figura 1 – Elementos da desordem informacional categorizados através das variáveis Agentes, Mensagens e Intérpretes segundo o pensamento de Wardle e Derakhshan**

<b>Agentes</b>	Tipo do Ator: Nível da Organização: Tipo da Motivação: Nível de Automação: Audência Pretendida: Intenção de Prejudicar: Intenção de Enganar:	Oficial / Não Oficial Nenhum / Fraco / Forte / Em Rede Financeiro / Político / Social / Psicológico Humano / Ciborgue / Bot Membros / Grupos Sociais / Toda a Sociedade Sim / Não Sim / Não
<b>Mensagens</b>	Duração: Acurácia: Legalidade: Tipo de Impostor: Alvo da Mensagem:	Longo prazo / Curto prazo / Baseado em Eventos Enganosa / Manipulada / Fabricada Lícito / Ilícito Nenhum / Marca / Indivíduo Indivíduo / Organização / Grupo Social / Toda a Sociedade
<b>Intérpretes</b>	Leitura da Mensagem: Medida Tomada:	Hegemônica / Oposicional / Negociada Ignorada / Compartilhada em apoio / Compartilhada em oposição

Fonte: Wardle e Derakhshan (2023, p. 21).

A construção de um testemunho de informação se sustenta e respeita a regras. “[...] regras construídas por sujeitos coletivos de práticas discursos concretos, ancorados no tempo e no espaço.” (González de Gómez, 1999, p. 4). A autora também aponta uma tipologia para o perfil do sujeito que desenvolve esse testemunho, quando há “[...] algum grau de institucionalização e estruturação das ações sociais que agenciam” eles são chamados de atores sociais (González de Gómez, 1999, p. 4).

A desordem informacional é um fenômeno que atravessa o ambiente das comunidades evangélicas por meio de agentes instados em espaços políticos e sociais. Nos últimos anos essas ações de desinformação intencionais provocou uma série de consequências e ações por parte dos membros e pastores afetados por elas.

Assim como o Brasil vive uma onda de desinformação, o cenário evangélico nacional tem sofrido com a circulação de informações falsas. Em seus templos, mas também em suas redes sociais oficiais, informais - criadas por um grupo de ‘irmãos’ - ou privadas são divulgadas supostas ameaças à comunidade evangélica como o perigo do comunismo ou a ameaça da ‘ideologia de gênero’, sendo esta uma das fake news mais propagadas nestes grupos. [...] Tal intensidade da propagação de desinformação e fake news nestas redes religiosas pode ser vista como decorrência da maior ocupação dos evangélicos das redes sociais e da atuação de cristãos na política (Cunha; Daébs; Santana, 2022 *apud* Gonçalves, 2023, p. 13).

Froehlich (2019) aponta movimentos de Donald Trump durante o seu primeiro governo nos Estados Unidos da América para manter um apoio popular baseado em notícias falsas e interpretações morais, alinhado aos evangélicos americanos. No texto o autor aponta um princípio de semelhança atribuído pelos eleitores entre ele e o Rei Ciro II, da Pérsia.

Tanto para os evangélicos como para os judeus de direita, a maior prova da ligação de Donald Trump a Ciro é o seu desafio à sabedoria convencional na política do Médio Oriente, em particular o seu apoio às políticas de direita em Israel através da mudança da embaixada dos

EUA também para Jerusalém, como outras ações (Froehlich, 2019, p. 123, tradução nossa).

Contudo, o autor (Froehlich, 2019) aponta que há muitas diferenças entre os dois governantes para tal alusão. “Na verdade, uma leitura cuidadosa da Bíblia distinguiria claramente Ciro de Trump. Por exemplo, Ciro não fomentou a divisão, o ódio, relatos falsos ou desafios às autoridades ou instituições civis para manterem a sua autoridade.” (Froehlich, 2019, p. 123). Donald Trump se reelegeu no final do ano de 2024 para um novo mandato, utilizando, dentre outras armas discursivas, justamente os elementos citados, adicionada à apropriação do conceito de “Deus” e dos aspectos do sagrado de suas escolhas e de seus critérios religiosos.

O caso do trumpismo se assemelha as ações brasileiras desenvolvidas pela corrente da extrema direita, ao fazer uso de todos os agentes de informação para, através do medo e do terror, acentuar e polarizar questões políticas e desinformativas.

### **3 REINTERPRETANDO O FENÔMENO DA RELIGIÃO NA ESFERA DIGITAL: ÉTICA INTERCULTURAL DA INFORMAÇÃO EM PRÁXIS**

O ímpio, com a boca, destrói o próximo, mas os justos são libertados pelo conhecimento. (Provérbios, 11, v. 19).

A Ciência da Informação tem discutido o fenômeno da desinformação e suas consequências há alguns anos. Porém, a reflexão a partir de comunidades evangélicas e de sua instrumentalização que fortalece grupos políticos nos contextos geopolíticos nacional e internacional é muito recente, mas urgente e necessária. No âmbito da pesquisa de e sobre e, principalmente, com e a partir das comunidades evangélicas, percebe-se na literatura informacional ausência

de evidências para uma reflexão interpretativa e dialética das práticas informacionais religiosas no país.

Os estudos críticos sobre comunidades evangélicas e, principalmente, investigações científicas interessadas, metodologicamente, em reconhecer, a partir das próprias pessoas evangélicas, suas ações informacionais, ainda são embrionários no Brasil e toda contribuição é inovadora para compreender ações de informação e de desordem informacional. Em levantamento na Base de Dados em Ciência da Informação (Brapci), através de seu lastro histórico completo (ou seja, todo o período de cobertura da base, dos anos 1970 a junho de 2024), apenas 4 (quatro) produções científicas sob o marcador “evangélico” (com as variações “evangélica”, “evangélicos”, “evangélicas”), foram identificadas.

Dentre os registros, o primeiro aponta para a produção histórica e a memória documental de uma igreja evangélica; o segundo, para a relação gestão de coleções e uso de acervo em uma biblioteca escolar de instituição evangélica; o terceiro, sobre a produção social da informação em redes sociais, especificamente via a empresa *Facebook*, e os impactos do discurso religiosa de uma igreja evangélica em meio digital; o último, sobre autoridades cognitivas, eclesiais e espirituais a partir de comunidades evangélicas brasileiras nos contextos de desinformação.

A partir dos dados da pesquisa, a compreensão científica, através das lentes da epistemologia em BCI, sobre a experiência evangélica brasileira em sua pluralidade, parece distante e profundamente marcada por uma “desinformação”, ou ausência de conhecimento crítico, oriundo da ciência, sobre a realidade das práticas informacionais evangélicas. Do ponto de vista histórico, o primeiro registro na Brapci data do “distante” ano de 1988. Os outros 3 (três), são manifestados em 2015, 2017 e 2023. Documenta-se, pois, o raso,

superficial e incipiente conjunto de olhares mobilizados para a questão informacional da religiosidade evangélica no país, com destaque, em contrapartida, para duas pesquisas (as duas mais recentes), efetivamente voltadas para o exercício de compreensão das relações entre as questões informacional, a digitalidade e a produção de sentidos (incluindo informação e desinformação) na experiência das culturas evangélicas brasileiras.

A compreensão do perfil fragmentado de pessoas evangélicas no Brasil, suas práticas religiosas e informacionais, as formas de articulação política para garantia de fala no espaço público, o uso da desinformação nas comunidades para engajar os membros em ações locais e digitais, e a busca por um diálogo que respeite a intelectualidade e o conhecimento das pessoas evangélicas pode ser um caminho para promover soluções institucionais no combate à desinformação.

Alguns fatores que impedem a compreensão das comunidades evangélicas brasileiras é falta de dados do IBGE sobre a religião do povo brasileiro e sua pluralidade. O mais recente publicado é de 2010 e destoa de dados anteriores. Há ausência de estudos que busquem o núcleo de pessoas mais afetadas pela desinformação nesses espaços, cuja maioria é de mulheres de cor parda ou preta e classe média baixa. Outro ponto é a linguagem utilizada pela imprensa brasileira para noticiar fatos ocorridos em igrejas protestantes (Alvim, 2022).

Como exercício na epistemologia em Ciência da Informação para compreensão e desenvolvimento de uma práxis científica (uma reflexão epistemológica) e socialmente válida (diálogo a partir de e com as coletividades evangélicas, não reconhecidas nem prévia nem posteriormente como apartadas das relações Estado e ciência em sua prática religiosa, mas uma concretude na totalidade social brasileira) perante o fenômeno das comunidades evangélicas,

da verdade e da realidade do Brasil no âmbito das autoridades epistêmicas, os princípios e exercícios da ética intercultural da informação proposta por Rafael Capurro (2007) parecem-nos legar caminhos fundamentais.

À procura de uma filosofia não greco-cêntrica e não eurocêntrica, a perspectiva intercultural capurriana questiona o conceito de universalismo oriundo de tais tradições de pensamento. Para além de uma universalidade metacultural, a ética intercultural procura compreender, via as configurações geopolíticas de um mundo pós-Guerra Fria, uma noção de cultura dentro do *ethos* informacional que procure outras configurações na discussão sobre a condição humana. Capurro (2007) reafirma a cultura como conjunto de elementos espirituais, materiais, intelectuais e emocionais, configurações distintas em sociedades e grupos sociais, incluindo arte, estilos de vida, formas de convivência, sistemas de valores, tradições e crenças. Estes são elementos fundamentais para interpretação do fenômeno das pluralidades de ações informações e gestos das comunidades evangélicas no Brasil.

A ética intercultural procura, deste modo, promover as identidades culturais não via seu isolamento e inclusão, mas através da abertura de diálogos na esfera digital, ou infoesfera. As tradições filosóficas implícitas e explícitas para compreensão contextual de cada cultura e seus processos comunicacionais são reconhecidas, incluindo as condições religiosas de produção de sentidos. Neste contexto, objetivamente nas últimas três décadas, a tecnologia digital da informação, segundo Capurro (2007), modifica sobremaneira os intercâmbios e experiências.

Como experiência social dentro da totalidade da cultura brasileira, as religiões e as religiosidades, as experiências culturais de culto e de crença, representam parte central do pertencer e do conviver na realidade aqui como ela se apresenta e como nós, nela, nos representamos e igualmente a construímos

– dos hábitos de consumo no mundo capitalista aos hábitos de culto a uma dada manifestação do sagrado. A produção de sentido das comunidades evangélicas no Brasil demanda, não apenas diante dos números que manifestam a expressividade de seu crescimento e de sua participação na mídia brasileira, uma compreensão de suas práticas informacionais, da formação de autoridades e de construção de redes de afeto a partir de e com ações de informação permeadas pela complexidade de marcadores sociais e culturais do país (como “mulher”, “negra”, “com baixa renda”), não permitindo uma análise homogênea, monocultural, de suas manifestações.

As ferramentas informacionais permitem-nos compreender formas de construção de mecanismos de desinformação na realidade contemporânea em meio digital não para julgamentos prévios e superficiais de uma realidade atravessada por complexos processos e materialidades oriundas de condições sociais, econômicas, culturais, geográficas, de saúde, de gênero, de mobilidade urbana, no amplo contexto assimétrico do país, do acesso às fontes de informação ao seu uso socialmente crítico. É sob este cenário que autoridades epistêmicas distribuídas vêm se constituindo no Brasil, para aquém, dentro e para além da experiência religiosa, sendo o quadro de pluralidades evangélicas um dos fenômenos de enorme demanda de reflexão crítica, contextual e complexa ainda por se explorar nos estudos informacionais.

## **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Julgai todas as coisas, retende o que é bom (1 Tessalonicenses, 5 v. 21).

A ausência de uma reflexão de, para e em comunidades evangélicas em Ciência da Informação na pesquisa brasileira no campo informacional reflete um dos mais sérios entraves da política nacional na atualidade. Compreender

autoridades epistêmicas e o *ethos* de suas práticas informacionais é um exercício exaustivo, que requer aproximação, vivência e análise. Os dados demográficos vinculados à religião no Brasil, as transformações socioeconômicas do país e pluralidade dos atravessamentos culturais da sociedade brasileira requerem, em sua complexidade, complexas lentes metodológicas para sua compreensão. As condicionantes políticas e a idiossincrasias da década de 2021 no contexto do capitalismo de plataformas digitais, junto ao uso da religião e do sagrado como mecanismos de construção de pós-verdade e de produção e disseminação em massa de desinformação, tornam-se o fenômeno das ações de informação dentre as comunidades religiosas ainda mais urgente como objeto de investigação crítica.

A inovação presente do trabalho reflexivo encontra-se, pois, a partir de seu arcabouço epistemológico sobre a formação de autoridades epistêmicas distribuídas, as ações de informação, de julgamento e de validação do conhecimento, bem como a compreensão de horizontes metacríticas para o reconhecimento (antes do próprio juízo) das ações informacionais tecidas em cada das plurais comunidades evangélicas brasileiras. Nesse sentido, a Ciência da Informação pode contribuir profundamente para o debate sobre caminhos da dialética das relações entre Estado, ciência e religião no Brasil em contextos de ampla e acelerada cultura da desinformação.

Um caminho está em apontar com clareza os líderes religiosos, formalizados em cargos eclesiásticos ou conhecidos pelo zelo do Evangelho, que possuem conhecimentos diversos, das autoridades cognitivas genuínas de assuntos factíveis e de domínio científico, bem como identificar e cartografia a trilha de produção e circulação de notícias verdadeiras e de notícias falsas no regime de informação da religiosidade brasileira.

Também cabe apontar que uma agenda de pesquisa sobre essa temática deve incluir o *páthos* no julgamento avaliativo, visto que as *pseudo-autoridades* cognitivas utilizam recursos voltados para a emoção do receptor, baseado nos sentimentos e não na ética informacional, por conta da reação. Do mesmo modo, a pesquisa deve aprofundar outros elementos do julgamento avaliativo e consolidar esses recursos para promover a integridade da informação. E acredita-se que ações devem ser feitas para promover em comunidades evangélicas o julgamento com vistas a verdade, fundamento da fé cristã.

A desordem informacional se vale da confusão dos saberes teológicos e científicos nesses locais para a prevalência de opiniões com pouco embasamento técnico. A desordem informacional nas comunidades evangélicas é amparada por agentes que promovem e instrumentalizam os espaços para adquirir apoio político e engajamento comunitário. Esta desordem pode ser igualmente produzida por análises e juízos emitidos por contextos sociais, governamentais e científicos que não estão efetivamente dedicados a pesquisar o fenômeno das pluralidades do ethos das comunidades evangélicas, o lento processo de formação de suas autoridades, suas formas internas de julgamento e de validação.

Durante a discussão em torno desses apontamentos, num contexto externo à política brasileira, ocorreu a eleição para presidente nos Estados Unidos da América e a escolha do Donald Trump para o cargo. Acredita-se que o *modus operandi* para as próximas eleições brasileiras para presidente pode ocorrer com ações informacionais e desinformacionais nos mesmos moldes que as eleições americanas, onde Deus e o sagrado são tomados recursos para persuasão, mobilização e produção de notícias falsas.

## REFERÊNCIAS

ALVIM, Mariana F. **Os evangélicos segundo a imprensa: discursos e enquadramentos na produção de O Globo e Folha de S. Paulo de 1985 a 2020.** 2022. 227f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

ARAÚJO, Victor. **Surgimento, trajetória e expansão das igrejas evangélicas no território brasileiro ao longo do último século (1920-2019).** [São Paulo]: [s. n.], 2023. [Nota Técnica do Centro de Estudos da Metrópole]. Disponível em: [https://centrodametropole.fflch.usp.br/sites/centrodametropole.fflch.usp.br/files/ce\\_m\\_na\\_midia\\_anexos/NT20.pdf](https://centrodametropole.fflch.usp.br/sites/centrodametropole.fflch.usp.br/files/ce_m_na_midia_anexos/NT20.pdf). Acesso em: 31 jul. 2023.

BALLOUSSIER, Anna Virgínia. Cara típica do evangélico brasileiro é feminina e negra, aponta Datafolha: Mulheres são 58% do grupo religioso, que é mais representativo na região Norte; negros são 59% dos fiéis. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13.jan. 2020. Política. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/cara-tipica-do-evangelico-brasileiro-e-feminina-e-negra-aponta-datafolha.shtml>. Acesso em: 17 jun. 2024.

BÍBLIA, A. T. João 8, 31-32. *In*: BÍBLIA de Estudo Nova Tradução da Linguagem de Hoje. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.

CAPURRO, Rafael. Intercultural information ethics. *In*: CAPURRO, Rafael; FRÜHBAUER, J.; HAUSMANNINGER, T. (org.). **Localizing the Internet: ethical aspects in intercultural perspective.** Munich: Fink, 2007. p. 21-33.

DANTES, Maria Amélia M. Uma história institucional das ciências no Brasil: transformações na área da História da Ciência nas últimas décadas do século XX abrem novas possibilidades para a História Institucional da Ciência. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 74, n. 3, p. 13-22, 2022.

ESTIVALS, Robert. La schématisation et la dialectique de la création scientifique, artistique et politique (premier essai d'interprétation). **Schéma et schématisation**, [S. l.], n. 02, p. 44-59, 1970.

ESTIVALS, Robert. Luttés de classe et schématisation. **Schéma et schématisation**, [S. l.], n. 9, p. 5-10, 1978.

FIGUEIREDO, Márcia Feijão de; GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Relações ou “semelhanças de família” em critérios utilizados para julgamentos de informações na web. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 12., 2011, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: UnB, 2011. p. 88-103. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/178305>. Acesso em: 24 jun. 2024.

FIGUEIREDO, Márcia Feijão de; SALDANHA, Gustavo Silva. A verdade que se busca convencer: retórica epistêmica rediviva em Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 21., 2021, Rio de

Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: UFRJ, 2021. p. 01-19. Disponível em: <https://ancib.org/enancib/index.php/enancib/xxienancib/paper/view/370>. Acesso em: 24 jun. 2024.

FIGUEIREDO, Márcia Feijão de; ZATTAR, Marianna. Autoridades cognitivas *versus* autoridades eclesiais e espirituais: as comunidades evangélicas brasileiras e a desinformação. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. e6628, 2023.

FROEHLICH, Thomas J. A Not-So-Brief Account of Current Information Ethics: The Ethics of Ignorance, Missing Information, Misinformation, Disinformation and Other Forms of Deception or Incompetence. **BiD: textos universitaris de biblioteconomia i documentación**, [Barcelona], n. 39, p. 1-14, 2017.

FROEHLICH, Thomas J. The role of pseudo-cognitive authorities and self-deception in the dissemination of fake news. **Open Information Science**, Novi Sad, v. 3, n. 1, p. 115-136, 2019.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. O caráter seletivo das ações de informações. **Informare - Cadernos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p.7-311999, 1999.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Novas configurações do conhecimento e validade da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 8., 2007, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: UFBA, 2007. p. 1-15.

GONÇALVES, Talita Nunes Silva. **Proposta de um programa de competência em informação para comunidades evangélicas**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. **Revista USP**, São Paulo, n. 67, p. 48-67, set./nov. 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13455>. Acesso em: 20 fev. 2025.

NOTÍCIA PRETA (NP). Mulheres negras são maioria entre evangélicos no Brasil, segundo DataFolha. [S. l.]: Notícia preta, 2020. Disponível em: <https://noticiapreta.com.br/mulheres-negras-sao-maioria-entre-evangelicos-no-brasil-segundo-datafolha/>. Acesso em: 17 jun. 2024.

ROUBAKINE, Nicholas. **Introduction à la psychologie bibliologique**. Paris: AIB, 1998.

SPYER, Juliano. **Povo de Deus**: quem são os evangélicos e porque eles importam. São Paulo: Geração Editorial, 2020.


WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, H. **Desordem informacional**: para um quadro interdisciplinar de investigação e elaboração de políticas públicas. Tradução de Pedro Caetano Filho e Abílio Rodrigues. São Paulo: Unicamp, 2023.

WILSON, Patrick. **Second-hand knowlegde**: an inquiry into cognitive authority. Westport: Greenwood Press, 1983.

WEBER, Max. **A ética protestante e "espírito" do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), o Conselho Nacional para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) pelo financiamento desta pesquisa.

**Copyright:** Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. 



 [tpbci@ancib.org](mailto:tpbci@ancib.org)

 [@anciboficial](https://www.instagram.com/anciboficial)